

Dos discursos freudianos sobre a educação: considerações acerca da inibição intelectual

Maira Sampaio Alencar Lima
Maria Celina Peixoto Lima

*Universidade de Fortaleza
Fortaleza, CE, Brasil*

RESUMO

Freud apresentou diferentes posições sobre a educação, ora criticando-a como desencadeadora da neurose, ora aproximando-a da psicanálise enquanto profissão impossível. Este artigo, além de apontar esses diferentes momentos do pensamento freudiano, tem como objetivo discutir os conceitos de inibição e de desejo de saber. Ao relacionar o saber ao Complexo de Édipo e tratar a inibição como uma saída da angústia, Freud possibilita deslocar a concepção da deficiência intelectual para o campo psíquico, evitando o reducionismo das explicações organicistas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. Ao incluir a psicanálise nas discussões sobre a deficiência intelectual poderia haver a abertura para pensar criticamente os conceitos clássicos de normalidade e patologia, já que essa teoria enfatiza a singularidade do sujeito.

Palavras-chave: educação; psicanálise; desejo de saber; inibição intelectual.

ABSTRACT

The freudian discourse on education: considerations on the intellectual inhibition

Freud had different positions on education, sometimes criticizing it as a trigger for neurosis, sometimes bringing it closer to psychoanalysis as an impossible profession. This article, besides pointing out these different moments of Freud's thoughts, it discusses the concepts of inhibition and desire for knowledge. When relating knowledge to the Oedipus complex and treating inhibition as an output of anxiety, Freud makes it possible to move the concept of intellectual disability to the psychic field, avoiding the reductionism of organismic explanations. This is a literature review of qualitative character. By including psychoanalysis in the discussions on intellectual disability there could be an opening to think critically about the classical concepts of normality and pathology, as this theory emphasizes the uniqueness of the subject.

Keywords: education; psychoanalysis; desire for knowledge; intellectual inhibition.

RESUMEN

Los discursos freudianos sobre educación: consideraciones acerca de la inhibición intelectual

Freud presentó diferentes posiciones sobre la educación, ora criticándola como motivadora de la neurosis, ora acercándola a la psicoanálisis como profesión imposible. Este artículo, además de apuntar esos diferentes momentos del pensamiento freudiano, posee como objetivo discutir los conceptos de inhibición y de deseo de saber. Al relacionar el saber al complejo de Edipo y tratar la inhibición como una de las salidas de la angustia, Freud posibilita desplazar la concepción de deficiencia intelectual para el campo psíquico, de manera que evite el reduccionismo de las explicaciones organicistas. Se trata de una investigación bibliográfica de carácter cualitativo. Al incluir la psicoanálisis en las discusiones sobre la deficiencia intelectual puede existir la apertura para que se piense críticamente los conceptos clásicos de normalidad y patología, una vez que esa teoría enfatiza la singularidad del sujeto.

Palabras clave: educación; psicoanálisis; deseo de saber; inhibición intelectual.

INTRODUÇÃO

As contribuições da teoria freudiana foram bastante discutidas no campo educacional. Este trabalho destaca dois discursos que são diferentes em sua gênese. Quando Freud (1913/1976h, 1914/1976j, 1925/1976l,

1932/1976n) é solicitado a escrever sobre a educação ele discorre sobre este saber enquanto prática pedagógica avaliando e criticando os efeitos do posicionamento pedagógico frente à sexualidade. Por tal razão, autores como Millot (2001) consideram impossível uma articulação entre educação e psicanálise.

Em outros momentos, quando Freud discute temas que perpassam o campo clínico, como a sexualidade (1905/1976b), a sublimação (1910/1976g) e a inibição (1926/1976p), e toca na temática do desejo de saber (1905/1976b) ele considera a educação como profissão impossível (1937/1976o) aproximando tal impossibilidade da psicanálise. Avaliando a contribuição clínica freudiana sobre a inibição e a sublimação é possível destacar elementos que podem ser englobados pela educação.

A SEXUALIDADE INFANTIL E O SABER

Reconhecendo a importância da sexualidade na etiologia das neuroses, Freud aprofunda seus estudos sobre essa temática. Escreve em 1905, um marco de sua obra: “Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905/1976b). Quebrando todos os paradigmas da visão de infância predominante na época, Freud afirma que a sexualidade já está presente nesta fase da vida, e não apenas na puberdade. Devido à disposição infantil para desbravar a sexualidade sem pudores, ele denomina a criança como perversa polimorfa.

No segundo ensaio, Freud explica os objetivos das investigações infantis. As inúmeras pesquisas que as crianças fazem nesse momento, apontam como objetivo final a tentativa de descobrir a origem dos bebês. Estas investigações têm uma íntima relação com desenvolvimento do Complexo de Édipo e o Complexo de Castração. As pesquisas sexuais podem ter sua energia deslocada para outras finalidades de propósitos não-sexuais, a este deslocamento Freud (1905/1976b) nomeia de sublimação, conceito que pode ser associado ao processo criativo artístico, como será mencionado.

Contudo, a maior contribuição que Freud (1905/1976b) pôde dar ao campo da educação no segundo ensaio foi a definição da pulsão de saber. Tal pulsão tem como característica não ser um dos instintos fundamentais, mas estar imbricada na pulsão sexual e está relacionada às pesquisas sobre a sexualidade. A partir desta conceituação, é possível perceber uma tentativa de Freud para contribuir com as questões relativas ao campo educacional, visto que ao longo do texto ele relaciona alguns problemas encontrados no campo educativo como sendo causados pela exclusão da sexualidade como parte do desenvolvimento da criança. A pulsão de saber teria como destino de atividade a sublimação, como uma tentativa de domínio sobre os impulsos sexuais e a escopofilia como fonte de energia. Embora Freud não explique como tal processo ocorreria, ele esclarece:

Sua atividade corresponde, de um lado, a uma maneira sublimada de obter domínio, ao passo que, de outro, ele utiliza a energia da escopofilia. Suas relações com a vida sexual, contudo, são de particular importância, já que aprendemos através da psicanálise que o instinto de saber nas crianças é atraído inesperadamente cedo e intensamente para os problemas sexuais e é, na realidade, possivelmente despertado de início por eles (Freud, 1905/1976b, p. 200).

Além da pulsão de saber, outro componente que chama a atenção do autor, para aspectos relacionados à educação, é o papel desempenhado pelo período de latência. Após os anos de intensa investigação, a criança entra no período de latência que tem como função construir forças psíquicas que sirvam como limitadoras da tentativa de livre curso da pulsão sexual. Freud (1905/1976b) destaca que o papel da educação quando tenta limitar a ação da pulsão sexual, não seria um esforço válido, pois de uma forma espontânea a latência já teria como função restringir o fluxo da pulsão e fazer emergir o sentimento de vergonha, os ideais estéticos e morais entre outros.

É possível perceber que no texto dos Três Ensaios, considerado um dos grandes alicerces da teoria psicanalítica, o papel da educação é limitado ao ensinamento de condutas sociais. Na percepção de Freud, muitas vezes, o educador percebe o papel ativo da sexualidade na vida do indivíduo, mas busca ignorar os vestígios dessa existência, desconsiderando a ação ativa que ela possui na aquisição de conhecimento.

Com a análise do caso “O Pequeno Hans” (1909/1976f) e as descrições dos seus pacientes adultos na clínica, Freud escreve “Sobre as teorias sexuais das crianças” (1908/1976d). Mesmo não tendo dedicado o texto sobre as teorias infantis à educação, Freud (1908/1976d) faz uma pequena pontuação sobre o ponto de vista do campo pedagógico, a respeito do esclarecimento da atividade sexual na infância. Ele lembra que para os educadores, o esclarecimento sexual pode ‘corromper’ as crianças devido à relação com a masturbação. Embora a teoria freudiana tenha lançado severas críticas à educação, ela destacou um ponto muito importante: o porquê de o sujeito querer saber e as saídas da pulsão sexual para o conflito entre a satisfação e a aceitação social, que serão destacados a seguir.

A Solução Pulsional Inibitória

Ao longo das pesquisas freudianas sobre o Édipo e a castração, o tema do interesse pelo saber aparece como uma consequência dos desfechos entre

satisfação pulsional, a travessia edípica e a castração. O primeiro texto que cita essa temática é os Três Ensaio (1905/1976b) ao falar sobre as pesquisas infantis. Santiago (2005) considera o este texto como a maior contribuição de Freud à construção de uma teorização sobre a inibição intelectual, como afirma:

Poder-se-ia mesmo, dizer que se Freud tivesse dedicado um texto específico à abordagem da inibição intelectual, esse texto seria “Três ensaios”... pois dele se deduz, não apenas uma definição precisa da inibição intelectual, mas também o que se poderia considerar como a estruturação da atividade intelectual a partir da atividade sexual, tal como ela se manifesta no plano mental (Santiago, 2005, p. 121-2).

Posteriormente, no caso do pequeno Hans, Freud faz uma clara relação entre a capacidade intelectual e a curiosidade sexual ao afirmar que a precocidade sexual tem seu correlato na precocidade intelectual e destaca: “Devo inclinar-me a acreditar, portanto, que a precocidade sexual é um correlato, raramente ausente, da precocidade intelectual, e que, assim, deve ser encontrada em crianças dotadas mais frequentemente do que se poderia esperar” (Freud, 1909/1976f, p. 127).

Em seguida, em 1910, Freud escreve um artigo intitulado: “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância”. Ele deixa claro que fator primordial, que leva o sujeito a querer saber algo é o desejo de descobrir sobre a origem dos bebês. Durante a vida infantil, o desejo de conhecer sobre a origem do homem termina frustrado, pois a criança nunca consegue chegar a uma resposta última. Essa decepção nem sempre significa que ela terá problemas neuróticos na vida adulta, tudo dependerá do modo como as pesquisas estão relacionadas com os interesses sexuais.

Para que a sublimação seja alcançada é necessário um percurso, que Freud delimita ao analisar a obra de Leonardo da Vinci. A fim de que a pulsão sexual se transforme em atividade sublimada, é preciso que, inicialmente, as crianças pequenas atravessem a fase de intensas perguntas, que estão relacionadas ao interesse sexual, mas tais questionamentos nunca são feitas de modo direto. Após esse período, uma forte repressão sexual ocorre devido aos desdobramentos do complexo edípico, e então, Freud (1910/1976g) destaca três saídas para o fim das pesquisas sexuais.

No primeiro caso, a curiosidade sexual fica inibida, bem como a autonomia da atividade intelectual que poderá ser afetada por toda a vida. Freud destaca que a educação pode proporcionar uma inibição do pensamento. A tal processo, ele denomina inibição

neurótica, uma característica presente nas neuroses. É importante destacar a menção ao termo inibição que, em 1926, no texto “Inibição, Sintoma e Angústia”, aparece como uma limitação funcional do eu, ocasionada por uma tentativa de evitar a ansiedade ou por uma consequência da diminuição da energia psíquica.

Numa segunda possibilidade, as pesquisas tornam-se uma atividade sexual, decorrentes da antiga associação entre curiosidade e sexualidade, e emergem do inconsciente de forma distorcida, sexualizando o pensamento. Assim como a curiosidade infantil é ilimitada, a saciedade pela busca de uma solução para as pesquisas intelectuais também é inalcançável.

A terceira saída para as investigações infantis é a posição intermediária entre a inibição do pensamento e o pensamento neurótico compulsivo. Nessa modalidade, a repressão sexual existe, mas a libido consegue ser sublimada e se liga à pulsão de saber, como afirma:

Também nesse caso a pesquisa torna-se, até certo ponto, compulsiva e funciona como substituto para a atividade sexual, mas devido à total diferença nos processos psicológicos subjacentes (sublimação ao invés de um retorno do inconsciente), a qualidade neurótica está ausente, não há ligação com os complexos originais da pesquisa sexual infantil e o instinto pode agir livremente a serviço do interesse intelectual. A repressão sexual, que tornou o instinto tão forte ao acrescentar-lhe libido sublimada, ainda influencia o instinto, no sentido de fazê-lo evitar qualquer preocupação com temas sexuais (Freud, 1910/1976g, p. 74).

As três saídas apresentadas ocorrem de acordo com os desdobramentos do complexo de Édipo. As lembranças infantis jamais são esquecidas e, contrário ao pensamento popular sobre a tenra idade, Freud aponta a infância como um momento em que há sempre presente nas crianças um desejo de crescer e poder compartilhar das experiências que só os adultos vivenciam. Tal desejo aliado à questão edípica não elimina o surgimento de uma angústia que pode aparecer camuflada em uma fobia, como foi destacado em Hans (1909/1976f).

No texto, “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926/1976m), Freud parte da perspectiva de avaliar a função como fronteira que separa a inibição do sintoma. Um ponto relevante nesta discussão sobre a educação e psicanálise, é a afirmativa de que as atividades intelectuais podem ser inibidas com o intuito de causar uma autopunição, evitando o conflito entre o ego e o superego. Contudo, este desdobramento entre as instâncias do ego, id e superego só são possíveis

a partir do período de latência, no qual o complexo de Édipo se desfaz e o superego consolida-se, criando barreiras éticas e estéticas, além disso, a tentativa de satisfação sexual fica adiada até o ressurgimento na puberdade.

Ao retomar as conclusões do caso Hans, Freud (1926/1976m) consegue ilustrar os efeitos da travessia edípica na formação do sintoma. Ao analisar a fobia apresentada pela criança, ele pôde desvendar o que caracterizava um sintoma e uma inibição. O medo de cavalos era o sintoma apresentado e a impossibilidade de sair às ruas, para não encontrar os animais, era a inibição que o ego impusera numa tentativa de evitar a irrupção da ansiedade. Na realidade, o quadro apresentado por Hans mascarava o conflito típico apresentado no Complexo de Édipo, a ambivalência entre os sentimentos de amor e ódio para com o pai. O impulso hostil pelo pai transformou-se em neurose quando foi transferido para os cavalos, através do sentimento de medo. Freud conclui que a formação sintomática, em última análise, visa evitar uma situação de perigo que gere ansiedade, tal perigo seria o medo castração, ou seja, a perda do objeto fálico investido libidinalmente pela criança. Santiago (2005) considera que, a análise freudiana que o faz rever o caso Hans e apontar estas novas reflexões sobre fobia e inibição, seria a atribuída ao papel da sexualidade infantil na etologia das neuroses.

Em “Moral Sexual Civilizada”, Freud (1908/1976e) discorre sobre os efeitos da repressão da pulsão sexual e as consequências para o sujeito. Embora o homem se diferencie dos animais através da possibilidade de sublimar os desejos sexuais e direcioná-los para outros fins, a saída sublimatória não esgota a energia sexual. Assim, toda a discussão entre Édipo, a sexualidade e a repressão levam Freud a tocar no tema da educação e nos efeitos dela para a subjetividade. O sujeito sai do complexo de Édipo pelo medo da castração e entra no mundo da cultura para enfrentar outras abdicções, a fim de preservar os laços sociais.

Neste momento, Freud (1908/1976e) afirma que a educação tem o papel de limitar o autoerotismo, para evitar que o sujeito se fixe nele e torne a pulsão sexual fora de controle. Embora a educação vise reprimir as pulsões sexuais, elas não desaparecem por completo, e continuam a existir, mas de forma ‘camuflada’. Assim, as medidas utilizadas pela educação para suprimir a energia sexual são consideradas, por ele, como severas e produtoras de neurose, mesmo já havendo o reconhecimento da necessidade de certa repressão – para que a pulsão não saia das fronteiras toleradas socialmente.

Ainda nesse texto, Freud (1908/1976e) expõe algumas considerações sobre a inibição no campo

intelectual, contudo tais considerações estão carregadas de dúvidas dele diante da mulher, como ele já havia manifestado ao longo de suas considerações sobre o Édipo feminino. Em suas palavras:

A educação das mulheres impede que se ocupem intelectualmente dos problemas sexuais, embora o assunto lhes desperte uma extrema curiosidade, e as intimida condenando tal curiosidade como pouco feminina e como indicio de disposição pecaminosa. Assim, a educação as afasta de *qualquer* forma de pensar, e o conhecimento perde para elas o valor. Essa interdição do pensamento estende-se além do setor sexual, em parte através de associações inevitáveis, em parte automaticamente, como a interdição do pensamento religioso ou a proibição de ideias sobre a lealdade entre cidadãos fiéis (Freud, 1908/1976e, p. 182-3).

Assim, Freud afirma claramente que a educação tem um papel fundamental na inibição do pensamento, pois a repressão da sexualidade traz como resultado uma debilidade do pensamento. Para ele, tal debilidade feminina não é fruto da formação biológica, mas sim da inibição do pensamento necessária à repressão sexual. Aqui, o autor faz uma relação direta de causalidade entre repressão sexual e inibição do pensamento.

A linha de raciocínio freudiana entre repressão sexual e seus efeitos nocivos já está presente em uma carta aberta sobre “O esclarecimento sexual das crianças” (Freud, 1907/1976c), em que ele alerta para os efeitos da formação da neurose e da dificuldade de aceitar a autoridade dos pais e demais pessoas que precisem exercê-la. Envolvido com os desdobramentos da análise de Hans, que neste período ainda estavam em andamento, afirma que: “O interesse intelectual da criança pelos enigmas do sexo, o seu desejo de conhecimento sexual, revela-se numa idade surpreendentemente tenra” (Freud, 1907/1976c, p. 140). A saída encontrada por ele, para evitar o surgimento da neurose propiciada pela educação, é o esclarecimento sobre a vida sexual, feito gradualmente de acordo com o desenvolvimento da criança.

É possível observar que, até então, Freud fez uma relação linear e causal da repressão sexual, resultado da educação e o surgimento das neuroses, destacando aqui a inibição do pensamento. Posteriormente, ele revê tal posicionamento e conclui que a problemática da neurose não ocorre de forma simplista. Em “Análise Terminável e interminável”, (1937/1976o) reconhece que só o esclarecimento sexual não esgota a complexidade do problema e afirma que mesmo as crianças sendo esclarecidas sobre a sexualidade,

isso não as impede de continuar acreditando em suas teorias sobre o nascimento, demonstrando que existe algum outro fator determinante para tais atitudes. A partir da elaboração sobre a pulsão de morte, feita em “Além do princípio do prazer”, Freud (1920/1976k) revê sua posição frente à educação e reconsidera algumas colocações sobre o papel dela e os limites do seu campo de ação, como afirma: “Quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões ‘impossíveis’ quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito mais tempo, são a educação e o governo” (Freud, 1937/1976o, p. 265). Contudo, o posicionamento freudiano frente à educação passa por mudanças constantes e, ora ele reconhece que a educação não é a única causadora de patologias e estabelece seu limite de atuação, ora retoma tal afirmativa e faz duras críticas a ela.

É possível observar que nos fragmentos apresentados sobre a teoria psicanalítica, uma das principais contribuições para o campo educacional é um novo olhar sobre o problema da debilidade de pensamento, e a relação dela com o desenvolvimento da criança e a sexualidade, o que tira a problemática do campo orgânico e a lança no plano do psiquismo. Todavia, quando Freud é convidado para escrever especificamente sobre a educação e seus efeitos, o posicionamento que ele toma não é mais estabelecido apenas no plano crítico, sua opinião é mais variada e complexa. Tal posicionamento permitiu diversos debates articulações entre psicanálise e educação. Tais debates ora foram a favor de uma aproximação, ora contra, como será apresentado a seguir.

FREUD E A EDUCAÇÃO: DA EDUCAÇÃO PSICANALÍTICA À EDUCAÇÃO IMPOSSÍVEL

Em 1913, Freud recebe um convite da revista italiana *Scientia* para escrever um artigo que tem como objetivo destacar a importância da psicanálise para saberes não-médicos. Assim, surge o texto “O Interesse Científico da Psicanálise”. Ele destaca a importância da psicanálise ao considerar os sintomas histéricos e obsessivos como alicerces do psiquismo e revela também que a análise dos sonhos é uma chave para desvendar o inconsciente. Diante dessas considerações inovadoras, Freud abre uma nova perspectiva para avaliar os sintomas apresentados pelos pacientes e marca um rompimento com o modelo médico e educacional vigente de diagnóstico e tratamento das patologias. Os sintomas apresentados nos quadros de histeria e neurose obsessiva eram explicados pela psicanálise através de

hipóteses psicológicas, ampliando a ação do campo psicológico e diminuindo a ação do saber fisiológico. O conhecimento psicanalítico demonstra que os quadros patológicos e os ditos normais seguem caminhos parecidos, como ocorre nos sonhos e atos falhos. Dessa forma, através da análise dos sonhos, Freud (1913/1976h) afirma que a estrutura de funcionamento dos processos oníricos é semelhante aos produtos psicopatológicos, encontrados nos casos de neurose e psicose. Com isso, ele aproxima dois campos que os demais saberes procuraram sempre separar: o normal e o patológico.

Ao escrever o tópico sobre a contribuição da teoria psicanalítica para a educação, destaca que as descobertas sobre a sexualidade infantil podem permitir aos educadores compreender certas fases do desenvolvimento e aceitar como ‘normais’ algumas condutas das crianças. Tal observação decorre da análise clínica de Freud sobre o papel decisivo da educação na formação das neuroses. Além disso, ele destaca que certas condutas infantis, consideradas como perversas, são fundamentais para a formação do psiquismo e revela que os educadores devem direcionar tais impulsos para os processos sublimatórios, afirmando:

A educação deve escrupulosamente abster-se de soterrar essas preciosas fontes de ação e restringir-se a incentivar os processos pelos quais essas energias são conduzidas ao longo de trilhas seguras. Tudo o que podemos esperar a título de profilaxia das neuroses no indivíduo se encontra nas mãos de uma educação psicanaliticamente esclarecida (Freud, 1913/1976h, p. 226-7).

É possível concluir que a posição de Freud, no ano de 1913, diante da educação comporta dois aspectos: inicialmente ele reconhece a educação como primordial para o estabelecimento da neurose, e ao mesmo tempo, confere, a ela, a possibilidade de mudar o panorama da situação diante do reconhecimento da importância da sexualidade no desenvolvimento infantil. Neste momento, ele considera que a educação pode se articular à psicanálise, lançando a educação psicanaliticamente esclarecida, sendo esta uma educação que lê os fenômenos da sexualidade infantil e os conduz a fins adequados. É notável, que Freud fala em uma educação psicanaliticamente esclarecida, sugerindo um processo educativo que utiliza a psicanálise como ferramenta de compreensão dos fenômenos infantis, mas não aponta para uma aplicação dos preceitos teóricos na educação.

No ano seguinte, Freud é convidado novamente para escrever sobre educação, desta vez para a comemoração

dos cinquenta anos da escola que frequentou quando criança. No texto, “Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar” (1914/1976j), ele aborda a temática sob uma perspectiva completamente diferente de tudo que havia feito. O foco da análise passa da perspectiva da educação para a figura do educador, e de forma indireta ele ameniza os efeitos patológicos da educação, ao afirmar que a relação entre o professor e o aluno já é fundamentada a partir do laço entre a criança, os pais e os irmãos, antes mesmo dos seis anos, idade que as crianças costumavam ingressar na escola.

De todas as imagens que alicerçam a vida psíquica do infante, a mais importante é a do pai. Como foi descrito na exposição anterior sobre o Édipo, a relação entre a criança e o pai possui sempre um caráter ambivalente, que perdura até o fim da vida do sujeito. O pai seria, então, o modelo que deve ser imitado e ao mesmo tempo eliminado pela criança. Tal ambivalência já havia sido afirmada anteriormente em “Totem e Tabu” (1913/1976i), quando Freud destaca o surgimento da civilização a partir do assassinato do pai da horda primitiva. O tabu não seria uma neurose, mas sim uma *instituição social*, como afirma Pereira (2008): “Para isso, estabeleceu-se miticamente um totem original, como substituto do pai morto e pranteado, ao qual toda e qualquer violação ou desrespeito é tomado como ofensa social” (p. 37). Assim, parece que neste texto sobre a psicologia do escolar ele apenas transpõe a relevância da figura paterna para o cenário escolar.

Ao entrar na segunda metade da infância, ajudada por novas descobertas sobre o mundo exterior, a criança muda sua relação com o pai. A figura idealizada de um homem poderoso, sábio e rico dá lugar a um pai mais enfraquecido e por isso, mais sujeito a críticas, assim, conclui Freud na Psicologia do escolar: “Tudo que há de admirável, e de indesejável na nova geração é determinado por esse desligamento do pai” (1914/1976j, p. 288). Quando a criança vai à escola, a desilusão com a figura paterna já tem ocorrido e ela apenas transfere a ambivalência entre amor e ódio para o professor. Afirma então: “Confrontâmo-los com a ambivalência que tínhamos em nossas próprias famílias, e ajudados por ela, lutamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso” (Freud, 1914/1976j, p. 288).

É importante destacar que nesse trecho Freud deixa a crítica à educação de lado e considera como foco a relação transferencial entre aluno e professor. A relevância de tal afirmativa está em possibilitar uma educação que objetiva além de um ensino de conhecimento a transmissão de saber, que aponta para um ideal e promessa de vir a ser da criança. Embora ele não tenha aprofundado essa temática, fica implícita

uma semente para pensar esta outra modalidade de educação, com uma preocupação em compreender a subjetividade da criança e ajudá-la no processo educacional.

Alguns anos depois, Freud (1925/1976l) recebe outro convite para discorrer sobre questões relativas ao campo educacional. No “Prefácio a juventude desorientada de Aichhorn”, afirma que a psicanálise abandonou um pouco a preocupação com a neurose e voltou-se para as crianças, ao descobrir que a raiz da patologia está na infância. Afirma também que a criança continua a viver no adulto, no artista, entre outros. Assim, a psicanálise muda a atenção da perspectiva da infância para o infantil, os traços que habitam o inconsciente. Assegura também que a psicanálise não substitui a educação, mas encontra-se ao lado desta, quando se trata das três profissões impossíveis: educar, curar e governar. Fato que ele reafirma em “Análise Terminável e Interminável” (Freud, 1937/1976o). A grande contribuição que a psicanálise poderia dar à educação seria auxiliar na compreensão sobre a criança, mas nunca substituí-la.

No caso das crianças delinquentes, deverá ser tentado algo diferente da análise, embora com o mesmo propósito, pois algo falta a estas crianças, seja o desenvolvimento de determinada estrutura psíquica ou uma atitude específica para com o analista. Nos adultos a psicanálise seria o equivalente a uma pós-educação, uma vez que uma estrutura neurótica já estaria formada, o que ainda não está definido nas crianças desorientadas (1925/1976l). Nesse tópico, Freud não especifica o que seria o outro trabalho, nem o que seria exatamente a pós-educação. Sabe-se que ele já havia feito essa referência ao falar sobre a Psicoterapia (1904/1976a), em que afirma que o desvendamento do inconsciente desperta um desprazer no sujeito, causando uma resistência ao tratamento analítico. A tarefa do analista seria ‘convencer’ o sujeito a aceitar o desprazer que a análise desperta, como uma espécie de educação, declarando: “Portanto, de modo muito geral, os senhores podem conceber o tratamento psicanalítico como essa espécie de pós-educação para superar as resistências internas” (Freud, 1904/1976a, p. 252-3). Kupfer (2001) vê na proposta de Freud (1925/1976l) uma possibilidade de articulação entre psicanálise e educação especial. Esta última criada a partir da necessidade dos profissionais clínicos, que tratavam de crianças com transtornos, de uma ação urgente e conjunta com outros saberes. Assim, ela conclui: “[...] se para Freud da época de Juventude abandonada a educação e a psicanálise eram antinômicas, já não o eram tanto quando se tratava de educação especial” (Kupfer, 2001, p. 40). É possível pensar, então, que Freud apontou pistas para aproximar

a prática psicanalítica da educação, em especial quando se trata de dificuldades encontradas nas crianças e que demandam um olhar particularizado sobre seu percurso educacional.

Em “Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise” (1932/1976n), Freud retoma algumas considerações sobre a infância e a educação. Reafirma as dificuldades da criança em ter que assimilar todas as experiências que a cultura busca transmitir, quando seu ego ainda encontra-se frágil e os sinais da sexualidade já aparecem. Frente a essas considerações, ele destaca alguns pontos importantes sobre a psicanálise aplicada à infância, reconhecendo a possibilidade de bons resultados e demarcando algumas especificidades na análise de crianças. Tais especificidades seriam: a ausência de superego, uma relação transferencial diferente, além da presença real e constante dos pais na terapia. É importante enfatizar que nesse período já havia acontecido diversas experiências realizadas por psicanalistas com crianças, destacando a prática de Anna Freud, que acreditava num caráter preventivo da análise (Geissmann, 1992). Embora Freud procurasse ressaltar o valor do trabalho de Anna e concordasse com a possibilidade de um trabalho profilático infantil, ele não acreditava que isso poderia ser realizado devido às barreiras impostas pela própria sociedade.

Assim, a única medida profilática em que ele acreditava seria uma formação psicanalítica dos educadores, bem como uma terapia psicanalítica dos mesmos estendida aos pais, quando necessário. Nesta conferência, Freud continua destacando que o papel da educação é inibir, proibir e suprimir os impulsos infantis, mas reconhece a necessidade da existência da mesma, pois, caso contrário, tornaria impossível a convivência com a criança. A grande questão passa a ser: “Como educar uma criança sem causar danos ao psiquismo?” Com isso, aparece a sugestão da profilaxia a partir dos educadores e pais, através da análise e da formação em psicanálise, o que denomina de educação psicanalítica (Freud, 1932/1976n). Para Voltolini (2002) esta proposta freudiana já demonstra um reconhecimento que a psicanálise está além de uma teoria, ela é um posicionamento ético frente ao humano.

Faz-se necessário destacar a mudança do posicionamento de Freud nesse texto, se comparado aos anteriores, pois, aqui, já existe um reconhecimento da importância da educação, embora isso não o tenha impedido de fazer considerações que mudassem esta visão positiva de ação da psicanálise. Ao longo de sua obra, Freud muda de opinião em relação à educação: inicialmente uma crítica enfática em relação às consequências de sua ação: a formação da neurose e da

inibição (1908/1976d). Em seguida (1925/1976l), uma educação impossível, que nunca chega a resultados satisfatórios. Posteriormente (1932/1976n), com uma visão mais otimista, ele acredita que a psicanálise pode auxiliar a educação e a atingir seus propósitos com o mínimo de dano. Novamente (1937/1976o), Freud afirma ser a educação impossível ao reconhecer a existência da pulsão de morte. Assim, as considerações freudianas sobre a educação, algumas vezes, são contraditórias, mas isso não retira sua contribuição ao campo da educação. Lajonquière (1999) afirma que a impossibilidade de articulação entre psicanálise e educação sob a ótica freudiana, como foi ressaltada por Millot (2001), só tem fundamento quando pensada como uma relação entre Freud e a pedagogia, como ressalta:

Esse tipo de trabalho revela reciprocamente que o objetivo da indagação dos textos é aquele de vir a lhe ‘arrancar’ uma posição mais ou menos conclusiva no que diz respeito à relação – existente de fato ou pertinente de direito – entre a psicanálise e a pedagogia. Ou seja, a aproximação à obra freudiana está norteada pela esperança de ‘acertar as contas’ de Sigmund Freud com a pedagogia [...] (Lajonquière, 1999, p. 145).

Portanto, a preocupação de Freud ao escrever os primeiros textos específicos sobre a educação é fomentar um questionamento sobre o sofrimento psíquico e a moral sexual de sua época, e não criticar o saber pedagógico. Ao descrever a pulsão de morte, Freud descobre que a relação entre sofrimento e repressão não é tão causal. Depois desse fato, ele aponta para uma impossibilidade da educação, mudando o seu posicionamento, o que revela ser sua preocupação última estabelecer a relação entre indivíduo e cultura. “A problemática da educação entra na pauta das preocupações freudianas na esteira de uma outra mais geral, qual seja, as relações entre o indivíduo e a cultura” (Lajonquière, 1999, p. 147).

Logo, há algumas contribuições que Freud pode dar à educação, quais sejam: apontar as falhas da educação quando reprime a sexualidade, ressaltar a importância da relação entre professor e aluno, a partir da relação com os pais e demonstrar como o desenvolvimento da sexualidade infantil interfere no potencial intelectual, deslocando o foco dos problemas de aprendizagem do campo orgânico para o psicológico. Esta última contribuição pode ser pensada também no campo da educação especial, uma vez que seu surgimento está vinculado às dificuldades encontradas por clínicos na educação de crianças com distúrbios. Tal contribuição abre caminho para outros autores psicanalíticos, como

Maud Mannoni, pensarem o problema do déficit intelectual através da relação da criança com os pais e a educação como um meio de transmissão, e não somente de repressão.

REFERENCIAS

- Freud, S. (1976a). *Sobre Psicoterapia*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1904).
- Freud, S. (1976b). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1976c). *O esclarecimento sexual das crianças*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1907).
- Freud, S. (1976d). *Sobre as teorias sexuais infantis*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1908).
- Freud, S. (1976e). *Moral sexual civilizada*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1908).
- Freud, S. (1976f). *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1909).
- Freud, S. (1976g). *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 11). Rio de Janeiro, Imago. (Originalmente publicado em 1910).
- Freud, S. (1976h). *O interesse científico da psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).
- Freud, S. (1976i). *Totem e Tabu*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).
- Freud, S. (1976j). *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1976k). *Além do princípio do prazer*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1976l). *Prefácio a “Juventude desorientada”, de Aichhorn*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1925).
- Freud, S. (1976m). *Inibições, sintomas e angústia*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1926).
- Freud, S. (1976n). Explicações, aplicações e orientações. In *Novas Conferências Introdutórias*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1932).
- Freud, S. (1976o). *Análise terminável e interminável*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1937).
- Geissmann, C. y P. (1992). *Historia del psicoanálisis infantil: movimientos, ideas y perspectivas*. Madrid: Editorial Sintesis.
- Kupfer, M.C. (2001). *Educação para o futuro: psicanálise e educação* (2ª ed.). São Paulo: Ed. Escuta.
- Lanjonquière, L. de. (1999). *Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Millot, C. (2001). *Freud antipedagogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pereira, M.R. (2008). *A impostura do mestre*. Belo Horizonte: Argvmentvm.
- Santiago, A.L. (2005). *A inibição intelectual na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Voltoolini, R. (2002). As vicissitudes da transmissão da psicanálise a educadores. In *Psicanálise, infância, educação*. São Paulo: USP.

Recebido em: 28/03/2010. Aceito em: 29/07/2010.

Autores:

Maira Sampaio Alencar Lima – Psicanalista, Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza.
 Maria Celina Peixoto Lima – Psicanalista, Doutora em Psicologia pela Université Paris 13 (França). Professora do PPG-PSI da Universidade de Fortaleza. Membro do Grupo de Trabalho da ANPEPP “Psicanálise, Infância e Educação”. <celina.lima@terra.com.br>.

Enviar correspondência para:

Maira Sampaio Alencar Lima
 Rua Isac Amaral, 112 ap. 502
 CEP 60130-120, Fortaleza, CE, Brasil
 E-mail: alencarmaira@hotmail.com